Globethics Repository



Os ismaelitas modernos e a escatologia cristã [Modern Ismaili and Christian eschatology]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Teixeira, Carlos Flávio
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-18 12:31:46
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228817

Os ismaelitas modernos e a escatologia cristã

The modern ismealites and the christian escathology

Carlos Flávio Teixeira[1]

Resumo / Abstract

Este artigo levanta informações bíblicas, históricas e arqueológicas que possibilitam a constatação de evidências plausíveis acerca da relação direta existente entre os povos que habitam o Oriente Médio em tempos atuais e os povos ismaelitas mencionados na Bíblia. Partindo do estudo da etimologia do termo, e mostrando a descendência genealógica de tais povos, apresenta seu desenvolvimento na história do Oriente para mostrar quem são os ismaelitas hoje em sua relação com a grande nação étnica árabe e com a grande nação religiosa islâmica. Finalmente, chama atenção para a realidade do ódio histórico nutrido entre árabes e israelenses, atualmente agravado pela escatologia dispensacionalista evangélica. Aponta como essa corrente teológica relaciona os ismaelitas à escatologia cristã ao considerá-los um obstáculo potencial à restauração política e religiosa do antigo Israel étnico nacional, que supostamente aceitaria o Messias, cumprindo assim as profecias de restauração veterotestamentárias.
Palavras-chave: Israelitas; Ismaelitas; Nação Árabe; Nação Islâmica; Conflitos Religiosos Modernos; Dispensacionalismo; Sionismo Profético

This article gathers biblical, historical and archeological information which makes possible the realization of plausible evidences about the direct relationship between the nowadays middle eastern people and the ismealite people mentioned in the Bible. Starting on the etymologic study of the

[1] Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestre em e Direito Constitucional pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) . Docente no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: carlosflavioteixeira@gmail.com

term, and showing the genealogy of these people, their development on the history of the Middle East is presented. Thereby, one can show who are the ismealites today and the relation of this people with the great ethnical arab and islamic nation. Finally, this work aims to highlight the reality of the historical hatred nourished between arabs and israelites, which now is worsened by the dispensacionalist evangelical escathology. This paper also points out how this theological line relates the ismealites o the christian escathology when they are considered a potential obstacle to the political and religious restoration of the old ethnic-national Israel, which supposedly would accept the Messiah fulfilling the old testamentary restoration prophecies.

Keywords: Isrealites; Ismealites; Arab Nation; Islam Nation; Modern Religious Conflicts; Dispensacionalism; Prophetic Zionism

> Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, que não será contada, por numerosa que será. [...] e chamarás o seu nome Ismael; porquanto o SENHOR ouviu a tua aflição. E ele será homem feroz, e a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele; e habitará diante da face de todos os seus irmãos (Gn 16:10-12).

A origem dos povos modernos e sua relação com os povos antigos e personagens bíblicos é um tema que já rendeu e ainda produzirá inúmeras discussões acadêmicas, cada qual variando em abordagens e conclusões de acordo com o viés escolhido para análise. Soma-se a tal realidade o desafio de se verificar possíveis conexões de nações modernas com os povos antigos que deixaram as marcas de sua existência registradas nas páginas da história humana. O presente estudo, ainda que limitado por sua brevidade e temática, tem como objetivo oferecer, ao leitor, evidências que possibilitem uma noção básica de quem são os chamados povos "ismaelitas" citados no texto bíblico e qual a relação deles com os povos que formam a grande nação étnica árabe e a grande nação religiosa islâmica.

Para tanto, o roteiro pretendido começará pelo exame da etimologia do referido termo, passando a seguir ao estudo da descendência genealógica desse povo, sua expansão geográfica e desenvolvimento sociocultural ao longo da história, assim como sua complexa existência ainda nos dias atuais. E, por fim,

apontará sua relação com os conflitos religiosos, políticos e militares na região do Oriente e sua emblemática relação com a escatologia cristã através da hermenêutica dispensacionalista. Longe de pretender esgotar o tema, devido à sua complexidade e inumeráveis perspectivas de estudos e respectivas possibilidades de aplicações, tomar-se-á como base as informações do relato bíblico, elucidando-as a partir de estudos bibliográficos já feitos acerca do assunto.

Os Ismaelitas

Etimologia do termo

O termo traduzido por "Ismael" aparece 48 vezes na Bíblia (GILMER, 2006, p. 692). Tem origem na palavra hebraica *Yishmâ''êl,* que, por sua vez, significa "a quem Deus ouve" ou mais precisamente, "Deus ouve", ou ainda "ouvido por Deus" (NICHOL, 1993, v. 8, p. 590). Exegetas apontam nessa direção ao afirmar que "esse nome [Ismael] pode ser interpretado como 'Deus ouve', 'Deus ouviu' ou 'Deus ouvirá'" (CHAMPLIN, 2000, p. 385). Essa interpretação é confirmada pelo próprio relato bíblico de Gênesis 16:11, que afirma: "a quem chamarás Ismael, porque o Senhor te acudiu na tua aflição". Embora os comentaristas bíblicos discordem em alguns pequenos detalhes, de forma geral há um consenso acerca do significado desse nome.

Já o termo traduzido por "ismaelitas", no original *Yishme'êl'lîm,* aparece oito vezes no texto bíblico (GILMER, 2006, p. 692) e, traduzido ao pé da letra, indica "aqueles que descendem de Ismael e, por isso, metade egípcios e metade semitas" (NICHOL, 1993, v. 8, p. 589). No entanto, alguns comentaristas lembram que ainda nos tempos bíblicos o termo passou a ser empregado, ao mesmo tempo, com duplo sentido: primeiro estrito e depois amplo. Em sentido estrito foi usado primariamente para indicar aquele(s) que descende(m) de Ismael, o primeiro filho de Abraão, gerado com a egípcia Agar, escrava de Sara. Nesse caso, o uso do termo é claramente baseado no vínculo de hereditariedade (vínculo biológico). No entanto, mais tarde e secundariamente, o termo chegou a ser compreendido no Oriente Próximo e Médio num sentido mais amplo, sendo usado como um sinônimo de povos que habitavam o deserto da Arábia e que eram ali liderados por Ismael, o mesmo filho de Abraão já mencionado. No último caso, o uso do termo é baseado no vínculo de liderança, decorrente de uma relação de natureza mista e complexa que envolve certa cumplicidade política, religiosa, militar e social (vínculo ideológico). Nesse sentido já se afirmou que:

> o vocábulo foi usado como uma designação genérica de povos árabes, ainda que, estritamente falando, Ismael tivesse sido progenitor de somente certas tribos, através de doze filhos que se tornaram chefes de suas respectivas tribos. Em seu sentido estrito, esse nome aplica-se somente àqueles doze clãs (CHAMPLIN, 2000, p. 387).

Em resumo, o termo que em seu sentido primário significava apenas os povos que descendem de Ismael (vínculo biológico), o primeiro filho de Abraão, em seu sentido secundário passou a significar todos os povos que posteriormente foram liderados por ele, recebendo sua influência determinante nos aspectos político, religioso, militar e social (vínculo ideológico).

Descendência genealógica

O relato bíblico é rico em textos que permitem o mapeamento genealógico dos ismaelitas, considerando o termo em ambos os sentidos: estrito e/ou amplo. Conforme indica o relato bíblico, "Agar deu à luz um filho a Abrão; e Abrão, a seu filho que lhe dera Agar, chamou-lhe Ismael. Era Abrão de oitenta e seis anos, quando Agar lhe deu à luz Ismael" (Gn 16:15-16).

Esse evento teria ocorrido, segundo historiadores, ao tempo da décima segunda dinastia egípcia, essa por sua vez datada em cerca de 2100 a 1888 a.C. (MESQUITA, 2002, p. 321). Essa datação indicaria que os povos ismaelitas, considerados em sua origem patriarcal, contam atualmente com cerca de 40 séculos de existência e ocupação do mundo geopolítico na região do Oriente Próximo e Médio, embora sua expansão ali tenha ocorrido gradualmente conforme se notará mais adiante.

Conforme apontam os textos de Gênesis 16:10, 21:13, e 21:18, Deus prometeu a Agar e depois a Abraão que faria frutífero a Ismael, o qual a seu tempo daria origem a uma "grande nação". Na mesma perícope é dito em Gênesis 21:14, que quando despedidos da tribo de Abraão, Ismael e sua mãe Agar peregrinaram pelo deserto de Berseba por certo tempo, sendo essa, na época, uma região mais próxima do acampamento de Abraão. E no verso 20, a seguir, se informa que Ismael cresceu, vindo a habitar na região do deserto de Arã[2], ao sul de Canaã (NICHOL, 1978, v. 1, p. 358), uma região mais próxima do Egito, onde tomou por mulher uma egípcia, certamente por influência de sua mãe, que também era da mesma nacionalidade. O texto iden-

[2] O termo é apresentado pelos autores com inúmeras variações: Arã, Parã, Farã, mas todas elas compartilham da mesma indicação de localização: a região desértica ao sul de Canãa, no lado norte da península do Monte Sinai.

tifica essa região como sendo o espaço geográfico que vai "desde Havilá até Sur, que está em frente do Egito, como quem vai na direção da Assíria" (Gn 25:18a). Comentaristas afirmam que essa era "a região desértica localizada entre o Golfo de Acaba e o Golfo de Suez, ao sul de Cades-Barneia" (NICHOL, 1978, v. 1, p. 358). Embora se tenha uma noção geográfica dessa região, não se pode determinar com exatidão esse primeiro ponto de ocupação de Ismael, de onde se expandiu para todo o deserto nos anos seguintes. Acerca dessa área é dito:

> Desde Havilá até Sur. A localização exata de Havilá é incerta. Por esta razão, a zona oriental do domínio ismaelita da Arábia não pode ser determinada com exatidão. Seu limite ocidental foi Sur (Gn 16:7; 20:1), não muito longe da terra do Egito, vindo à Assíria. Isto não significa que o domínio ismaelita se estendeu até a Assíria, na Mesopotârnia, mas antes, se refere à sua extensão em direção ao norte, em termos gerais. Portanto, os ismaelitas divisavam com o Egito ao oeste, com Havilá ao sudeste, e se estendiam por certa distância até o norte através do deserto setentrional da Arábia (NICHOL, 1978, v. 1, p. 380).

Apesar das hipóteses interpretativas diversas às quais se sujeita o relato bíblico, o movimento mapeado pelo texto indica que Ismael e seus descendentes expandiram sua ocupação, primeiramente na direção do sul de Berseba, onde passou a dominar nos seus primeiros anos no deserto. Com o passar do tempo, os descendentes de Ismael ampliaram sua ocupação na direção leste e norte de onde estavam, ocupando até as fronteiras sul e leste das terras herdadas por Isaque, o que explica a afirmação bíblica de que "Ele se estabeleceu diante da face de todos os seus irmãos" (Gn 25:18b). Essa expansão será ainda melhor detalhada.

Um pouco mais adiante, no texto bíblico de Gênesis 25:9, é dito que por ocasião da morte de Abraão, Ismael esteve junto a Isaque nos rituais de sepultamento do pai. Segundo historiadores do Israel Antigo, era comum em ocasiões fúnebres os familiares separados por razões diversas se unirem momentaneamente para os ritos de lamentação e sepultamento de um patriarca que lhes era de comum importância (VAUX, 2004, p. 84-85). Possivelmente, a participação nos ritos de homenagem a Abraão seria o motivo do encontro entre os dois irmãos que havia certo tempo não viviam mais juntos à época da morte do patriarca, e cujas tribos já mostravam certa hostilidade recíproca, embora seus limites geográficos e de influência fossem fronteiriços, conforme aponta o relato bíblico.

O texto bíblico informa ainda que Ismael logo gerou toda uma descendência que se multiplicou rapidamente, povoando a região maior do deserto da Arábia. Sua prole deu prosseguimento ao domínio que ele exerceu já desde a primeira região em que se estabeleceu a partir de sua despedida por Abraão, conforme relato de Gênesis 21:20-21. Seus filhos ali gerados foram em número de doze, os quais formaram a matriz genética de sua nação étnica e, conforme relato de Gênesis 25:12-18, são identificados nominalmente:

> *12* São estas as gerações de Ismael, filho de Abraão, que Agar, egípcia, serva de Sara, lhe deu à luz. *13* E estes, os filhos de lsmael, pelos seus nomes, segundo o seu nascimento: o primogênito de Ismael foi Nebaiote; depois, Quedar, Abdeel, Mibsão, *14* Misma, Dumá, Massá, *15* Hadade, Tema, Jetur, Nafis e Quedemá. *16* São estes os filhos de Ismael, e estes, os seus nomes pelas suas vilas e pelos seus acampamentos: doze príncipes de seus povos. *17* E os anos da vida de Ismael foram cento e trinta e sete; e morreu e foi reunido ao seu povo. *18* Habitaram desde Havilá até Sur, que olha para o Egito, como quem vai para a Assíria. Ele se estabeleceu fronteiro a todos os seus irmãos.

Além dos doze filhos mencionados, Ismael teve uma filha por nome Maalate, a qual, conforme o relato de Gêneses 28:9, tornou-se uma das esposas de Esaú, o filho de Isaque (CHAMPLIN, 2000, p. 387). De todas as referências se infere que os descendentes de Ismael foram muito numerosos, começando por seus doze filhos e uma filha, passando por seus demais descendentes na linha hereditária, e tornando-se numerosos naquela região por se misturarem a outros povos. E, à medida que cresciam em número, ampliavam sua ocupação geográfica, passando a dominar extensas regiões da Arábia cuja ocupação até então era feita de forma esparsa por outros clãs e povos, sendo esses alvos de sua influência e até domínio. E assim como Ismael fizera com seu irmão Isaque, seus descendentes continuaram sendo vizinhos fronteiriços dos herdeiros daquele, conforme relato de Gênesis 25:19-34. Outro texto bíblico que resume bem o relato da origem e descendência genealógica dos ismaelitas encontra-se em 1 Crônicas 1:28-31.

Os ismaelitas na história

Há algumas evidências extrabíblicas consideráveis que se relacionam direta ou indiretamente ao surgimento e/ou desdobramentos do povo ismaelita na história, confirmando assim o relato bíblico acerca do tema. Vejamos três delas:

a) *O Código de Hamurabi*: há uma menção no artigo 146 afirmando o fato de que o filho de uma serva era considerado filho legal de sua senhora, não podendo sua mãe biológica reclamar qualquer tipo de autoridade sobre ele. Pertencia por direito à dona da escrava, sendo considerado inclusive sua propriedade. Champlin (2000, p. 385) esclarece que essa menção não implica que "naquela porção do mundo antigo havia uma lei generalizadora no sentido de que a mãe escrava não podia fazer prevalecer os seus direitos sobre a mãe livre. Às escravas, não se permitia que fossem arrogantes ou exigentes". Foi exatamente nesse contexto sóciojurídico que houve o desentendimento entre Sara e Agar em razão da prerrogativa de mando absoluto e exclusivo sobre Ismael, num claro conflito de exercício de autoridade. Manter a autoridade sobre o menino, que era o primogênito de Abraão, era uma questão de honra em duplo sentido. Primeiro porque o assunto que estava em jogo era a autoridade de Sara. Uma questão de definição de quem detinha o poder matriarcal, segundo à já referida lei mesopotâmica. Não se tratava apenas de reclamar uma filiação, mas de garantir um *status*, a posição de matriarca oficial do clã, senhora e dona do posto feminino de maior influência tribal. Uma condição que normalmente era desfrutada apenas pela figura feminina máxima do clã, reservada, por sua vez, para a esposa oficial do líder máximo. Abrir mão de tal direito, ou mesmo tê-lo ameaçado, seria colocar-se em posição de fragilidade que poderia minar sua autoridade em outros aspectos essenciais para o convívio tribal. E, secundariamente, era uma questão de honra porque estava em jogo a condição de submissão do menino mais velho em relação a seu irmão Isaque, que, embora mais novo, deveria ser o herdeiro da promessa, conforme predito. Foi o desentendimento por essa dupla causa que deu origem ao povo ismaelita como distinto e separado do povo irmão que descendeu de Isaque. Ambos mais tarde se tomariam conhecidos, respectivamente, como ismaelitas e israelitas.

b) *O relato de Flávio Josefo*: O historiador judeu menciona tanto o nascimento de Ismael quanto sua posteridade num relato idêntico ao contido na Bíblia (JOSEFO, 2007, p. 94, 98). Quanto ao patriarca Ismael, Josefo afirma que "Abraão tinha oitenta e seis anos quando nasceu Ismael. [...] E, sobre o que Abraão pediu a Deus, se Ismael viveria, Ele respondeu- lhe que viveria muito tempo e que a sua posteridade também seria muito grande". Quanto à descendência de Ismael, Josefo

pontua que "quando Ismael chegou à idade de se casar, Agar deu-lhe por esposa uma mulher egípcia, porque ela também havia nascido no Egito. Ele teve doze filhos: Nebaiote, Quedar, Abdeel, Mibsão, Misma, Dumá, Massá, Hadade, Tema, Jectur, Nafis e Quedemá. Eles ocuparam toda a região que está entre o Eufrates e o mar Vermelho e a chamaram Nebateia." E por fim menciona expressamente que "os árabes originaram-se deles [os ismaelitas], e os seus descendentes conservaram o nome de nabateenses por causa de seu valor e da fama de Abraão" (JOSEFO, 2007, p. 98).

c) *Os achados arqueológicos*: Para os estudiosos de arqueologia, o texto de Gênesis 37:25-36 (que relata a venda de José), na forma intercambiável como está disposto, lança luz sobre o desenvolvimento da nação ismaelita. Nesse sentido é observado que "o texto varia os termos midianitas e ismaelitas, sugerindo, em qualquer deles, uma conexão entre os dois grupos ou a possibilidade de que os midianitas compreendessem um grupo maior dentro da ampla estrutura tribal ismaelita" (KAISER JR., 2005, p. 92). Se tal assertiva for verdadeira é possível afirmar que existem muitas evidências arqueológicas acerca dos ismaelitas, em especial quanto a um dos grupos que lhe fazia parte, os midianitas. Para os críticos literários, o uso intercambiável dos termos nesse texto evidencia que os descendentes de Quetura são considerados ismaelitas porque passaram, de alguma forma e a partir de determinado momento na história, a fazer parte da estrutura tribal daqueles. Portanto, descobertas arqueológicas relacionadas aos midianitas revelam, de certa forma e em certa medida, algo do próprio modo ismaelita de vida, sob o qual viveram influenciados por séculos.

> Escavações a leste do Golfo de Aqaba têm descoberto algumas cidades fortificadas e numerosas vilas que datam do último Período do Bronze e do início da Era do Ferro. Uma distinta variedade de artigos cerâmicos (em duas cores), com escritas similares àquelas encontradas nas cerâmicas Miscenas são vistas como tendo sido manufaturadas por volta dos séculos 12 e 13 antes de Cristo. Este tipo distintivo de cerâmica também tem sido desenterrado em Timna, um local de mineração a poucas milhas do Golfo; um santuário midianita foi descoberto no mesmo lugar. Enquanto as pinturas cerâmicas sugerem uma conexão entre os midianitas e o

> mundo Grego, o método de manufatura se compara com o que era usado no Egito. Partindo-se deste e de outros fatores pesquisados tem-se conjecturado que, ao contrário de ter sido um empobrecido, desorganizado e nômade povo, os midianitas vieram ter uma desenvolvida sociedade, conduzindo negócios com nações estrangeiras e produtivamente engajada na disputa mineral, metalúrgica e produção cerâmica (KAISER JR., 2005, p. 92).

Se, de fato, os midianitas tiverem sido parte do povo ismaelita como propõe a arqueologia e muitos comentaristas bíblicos, então as evidências já encontradas permitem verificar, ao menos em parte, quais eram os costumes e projeção de importância dessa parte da nação ismaelita que em dados momentos da história foi um importante povo do Oriente. Mas a pergunta que fica é: seria o intercâmbio de termos que aparece no texto de Gênesis 37:25-36 suficiente evidência para considerar os midianitas parte do povo ismaelita? Talvez a resposta mais adequada a essa indagação esteja nas próprias páginas do relato bíblico.

É mencionado em Gênesis 25:1 que ao tempo da morte de Sara[3], o patriarca Abraão tomou para si outra mulher, chamada Quetura, com quem teve ainda seis filhos, dentre eles Midiã, o pai dos midianitas.[4] Acerca dessa linhagem se comenta que "destas tribos árabes, Midiã é a mais conhecida. Contudo, alguns dos nomes reaparecem no Velho Testamento e também, certamente, em inscrições da Arábia Meridional. Assurim (ou Am) não deve ser confundido com o seu homônimo que designa os Assírios" (KIDNER, 2006, p. 139). Mais adiante, no mesmo capítulo, o relato acrescenta uma informação importante para o presente estudo.

Os versos 5 e 6 esclarecem: "Porém, Abraão deu tudo o que tinha a Isaque; Mas aos filhos das concubinas que Abraão tinha, deu Abraão presentes e, vivendo ele ainda, despediu-os do seu filho Isaque, enviando-os ao oriente, para a terra oriental" (Gn 25:5-6). Conforme se infere dos textos bíblicos citados, os filhos de Abraão com Quetura deram origem a muitos povos, dentre eles os midianitas. Esses povos se desenvolveram na região chamada oriental, identificada pelos comentaristas como o deserto que cobre a região leste de Canaã. Sendo os filhos de Quetura descendentes tardios de Abraão, foram separados de Isaque pelo mesmo motivo que Ismael, e enviados ao desértico leste por iniciativa do patriarca. O território para onde os enviou, se considerado em sua imensidão de

[3] Alguns autores comentam que foi antes, outros afirmam que logo depois.

[4] Em Gênesis 25:1 diz assim: "E Abraão tomou outra mulher; e o seu nome era Quetura; E deu-lhe à luz Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Jisbaque e Sua."

terras, é o mesmo para onde Ismael já havia expandido seu domínio a essa altura. De qualquer forma, esses povos meio-irmãos foram despedidos por Abraão pelo mesmo motivo — evitar conflitos com Isaque — relata Gênesis 21:9-21. Embora Ismael inicialmente tivesse migrado para a região mais ao sul do deserto da Arábia, e seus irmãos mais para leste, seu entrelaçamento geográfico e ideológico foi inevitável à medida que os ismaelitas expandiram seus limites de domínio. Há que se levar em conta, ainda, o fato de que Ismael e seus descendentes se estabeleceram primeiro, sendo natural que seus meio-irmãos, os descendentes de Quetura, se colocassem sob sua liderança.

A Bíblia, embora não tenha pretensão de ser um tratado especializado em história, traz relatos pontuais confiáveis dos episódios ocorridos nos momentos em que Deus interveio na trajetória humana. O relato citado esclarece uma peça-chave do quebra-cabeça histórico acerca da origem da grande nação política e religiosa árabe. Aponta que mais tarde, em algum momento posterior à despedida de Ismael, uniram-se a ele os seus irmãos paternos filhos de Abraão com Quetura, sobre os quais passou a liderar em razão de algumas realidades, como o fato de ser mais velho e mais experiente, ter estabilidade social já alcançada na geografia que ocupava, contar com estrutura de sobrevivência já estabelecida para a vida inóspita no deserto, e até mesmo seu potencial de domínio político e militar da região foram fatores que, sem dúvida, atraíram seus irmãos para sua influência. Mas pode conjecturar-se que o fator talvez mais forte foram seus laços paternos comuns, o que não despreza inclusive a mágoa comum alimentada em razão do ciúme de Isaque.

Dessa forma, as evidências extrabíblicas apontam o que as Escrituras confirmam numa análise sistemática e contextualizada. Já desde os tempos antigos, embora o termo ismaelita no seu sentido primário e estrito fizesse alusão à linhagem de Ismael, denotando um vínculo hereditário, em seu sentido amplo e secundário fazia alusão também a todas as demais tribos e povos que mais tarde se colocaram sob a liderança — política, religiosa e social — dele e de seus descendentes. Essa agregação de forças, marcada pela sujeição de um lado e pelo domínio de outro, foi conveniente e prática para os interesses e necessidades de ambas as partes à época. Passaram a habitar num mesmo território inóspito, e não é difícil especular sobre o crescimento do ódio e da oposição de todos esses irmãos contra Isaque, o motivo de sua peregrinação e a causa aparente de seu desprezo por parte do pai Abraão. Não seria difícil entender, nesse contexto, o despertar do ciúme e da inveja daqueles que compartilham o destino comum de terem sido aparentemente desprezados para garantir a autoridade do herdeiro de todas

as riquezas do pai. Compartilhar a ascendência, o ódio, e o mesmo inimigo comum certamente dava a Ismael e aos filhos de Quetura uma identidade singular, vocacionada a mantê-los unidos, mas também dava a eles um motivo comum para odiar Isaque e seus descendentes, e tentar destruí-los tanto quanto e tão logo fosse isso possível.

Os ismaelitas hoje

Os ismaelitas e a nação árabe

De acordo com a opinião dos historiadores, o povo ismaelita assumiu a liderança e proeminência dentre os demais povos que habitaram boa parte do Oriente, desde a peregrinação de Ismael até recentemente (KIDNER, 2006, p. 118). Embora nem todos os grupos que fazem parte desses povos tenham sua origem biológica em Ismael, permanecem sendo seus descendentes no aspecto ideológico. E mesmo que muitos sejam de descendência Cananita e Jafetita e outros descendam dos filhos de Abraão com Quetura, todos se identificaram e se tornaram parte do que se chama de a grande nação árabe a partir de sua agregação aos descendentes de Ismael, sob a liderança destes, o que ocorreu de forma progressiva ao longo da história. Champlin, seguindo essa linha, afirma que "ao contrário do que alguns pensam, Ismael não foi o fundador das nações árabes, porquanto antes disso essas tribos semitas já tinham tido seu começo; mas Ismael contribuiu para a formação da nação árabe, com a tribo que dele descendia" (CHAMPLIN, 2000, p. 387). Embora Champlin mencione apenas Sem, um dos filhos de Noé, deve-se considerar a hipótese de que descendentes de Cam e de Jafé também vivessem de forma esparsa pelas regiões desérticas do oriente ao tempo da chegada de Ismael e expansão de seus descendentes (1Cr 1). Evidência dessa realidade é a própria forma como Moisés dispôs seu relato no livro de Gênesis, acerca do qual Bruce (2008, p. 181) pontua:

> O livro de Gênesis divide toda a humanidade em três grupos (ver Gn 10); mas fornece um outro tipo de divisão tripartite para a Palestina e terras adjacentes. Um grupo consistia nos antigos habitantes da região (cananeus, hititas etc.); o segundo consistia nos diversos povos e tribos descendentes de Abraão; e, por derradeiro, mas de forma nenhuma o último em importância, havia o próprio povo de Israel, o grupo de descendentes de Abraão mais importante. Capítulos anteriores já

> nos apresentaram diversos representantes da primeira categoria; o capítulo 25 agora traz uma lista numerosa de grupos étnicos da segunda categoria. Essa categoria, por sua vez, tem três subdivisões: a descendência de Quetura (v. 1-4); a descendência de Ismael (v. 12-18); e, por último, os edomitas, que eram descendentes de Esaú (v. 30). Todos esses seriam futuros habitantes do norte e do sul da Arábia.

O comentário acima esclarece duas realidades históricas que interessam ao tema em estudo. A primeira reside no fato de que os territórios da Palestina e regiões adjacentes foram habitados primariamente por povos de origem semita e não semita. Os de origem não semita seriam os descendentes de Cam e Jafé, filhos de Noé. E quanto aos semitas é dado destaque para os descendentes de Abraão em três grupos, encabeçados respectivamente pelos filhos que teve com Quetura; o filho que teve com Agar; e o filho que teve com Sara. Uma menção é feita aos edomitas, que foram descendentes de Abraão por meio de Isaque e Jacó. Afora a descendência de Isaque, estabelecida na região de Berseba, hoje o território de Israel, já desde os dias da morte de Abraão é dito que os seus demais descendentes povoaram o deserto da Arábia, de norte a sul. Brown *et al* (2007, p. 97) constata essa realidade ao comentar o relato dos filhos de Quetura conforme aparece em Gênesis 25:1-6:

> Alguns dos nomes são tribos árabes: Madã e Madiã, ou talvez redundâncias; este último inclusive, bastante conhecido como uma tribo do deserto da Arábia (Gn 37:28-36; Ex 2:18; Nm 22:25; 31; Jz 6). Jesboc e Sué aparecem nas fontes Assírias como Jaboc e Sur, localizados ao norte da Síria, Sabá é um povo ao norte da Arábia; e Dadã é um povo às bordas de Edom, ambos mencionados em 10:7 como sendo descendentes de Cam. Os Assurins (não Assírios), os Latusins, e os Loomins são povos desconhecidos, não encontrados em paralelos em 1 Crônicas, 1:28-33. Os filhos de Madiã, Efa, Ofer e Henoc ocorrem como nomes de famílias nas tribos de Judá, Manassés e Ruben. Abida e Eldaá são atestados como nomes pessoais em inscrições dos sabeus, um povo mercante do sudoeste da Arábia.

Complexo como possa parecer, o que salta aos olhos é o fato de esses descendentes de Quetura terem-se espalhado ao longo de todo o desértico arábico. Mas se deve reconhecer, no entanto, que mesmo diante das evidências, existe a fragilidade de qualquer tentativa de se reconstruir com certeza acadêmica os

movimentos de ocupações pós-diluvianos no mundo antigo, o que inclui a região da Palestina. Nesse sentido, Mesquita (2002, p. 63) esclarece com sobriedade:

> O que parece mais plausível é que, enquanto os camitas se radicavam na Babilônia, o semitas e jafetitas ter-se-iam estabelecido na Síria central, e dali estendido o seu domínio para o sul e o leste, aparecendo depois ao norte de Babilônia, como os acádios, ainda tão mal conhecidos. Pressionados para o sul, teriam, então, dominado os sumérios e com eles se misturado, dando-nos a grande civilização dos tempos de Abraão. Não parece haver dúvidas de que esta civilização era um misto de acádios e sumérios, ou seja, de semitas, amorreus e camitas. Os historiadores ainda têm dificuldades de determinar com segurança os vaivens das primitivas aglomerações humanas. [...] Os estudantes ainda têm de esperar que se faça luz sobre os grandes movimentos humanos dos primeiros milênios da civilização pós-diluviana.

Embora deva se reconhecer certa margem de incerteza nas hipóteses acerca de quais povos ocupavam o deserto da Arábia ao tempo da ida de Ismael para aquele território, o fato de ter ele exercido uma influência predominante ali é indiscutível para os historiadores. Seu papel ganha força com a expansão de sua descendência em doze tribos e mais tarde, com a chegada de seus meio-irmãos e irmãs, descendentes de Quetura. Esse agrupamento de forças sob a liderança do primogênito de Abraão foi determinante para o surgimento da grande nação árabe, que se consolidou à medida que esses povos e tribos descendentes do mesmo patriarca se tornaram coesos e receberam outros de origens distintas que se agregaram sob sua liderança ideológica (política, religiosa, militar, social), tendo a Ismael como figura central. Embora Champlin (2000) economize ao falar do papel dos descendentes de Ismael para a formação da nação árabe, não é exagero apontar seu clã como o povo que fundou esta grande nação no formato ideológico que hoje se conhece etnicamente como os árabes, os quais povoam toda a região do oriente.

É importante, nesse ponto, esclarecer a confusão muitas vezes feita no uso dos termos "povos"[5] e "nações"[6]. Enquanto o termo "povo" alude

[5] Segundo o linguista Houaiss (2009, p. 1534), o termo "povo" aponta para "o conjunto de pessoas que [...] estão ligadas por uma origem, sua religião ou qualquer outro laço (ex: o povo judeu, o povo cigano etc.)." O elemento chave nesse caso é a sobrevivência.

[6] Para Houaiss (2009, p. 1534), o termo "nação" significa "um agrupamento político autônomo que ocupa território com limites definidos e cujos membros respeitam instituições compartilhadas (leis, constituição, governo)." O elemento chave é o interesse político, econômico ou militar.

a concentrações familiares (clãs) e/ou tribais, definidas a partir da origem biológica e/ou da necessidade de convivência comum e, por isso, mais ocupadas com a sobrevivência mútua de seus membros, o termo "nação" alude a concentrações de caráter político, definidas a partir de uma identidade filosófica comum (e as ideologias que a fundamentam), mais ocupadas com a consecução de suas pretensões de naturezas múltiplas que projetam seus desdobramentos no plano social. Compreendida essa distinção, observa-se que várias tribos e povos vieram ocupar o deserto da Arábia. No entanto, a união e organização desses povos sob uma única bandeira ideológica (de natureza ao mesmo tempo religiosa, política, militar e econômica) com claras disposições contrárias ao povo israelita foi, sem dúvida, uma trajetória iniciada e desenvolvida a partir de iniciativas do povo ismaelita. Ellen G. White (2003, p. 146) fala da causa originária desse embate ao pontuar que

> o nascimento de Isaque, trazendo a realização de suas mais caras esperanças, após urna espera da duração de uma vida, encheu de alegria as tendas de Abraão e Sara. Mas para Hagar este acontecimento foi a destruição de suas aspirações enternecidamente acalentadas. Ismael, agora um rapaz, fora considerado por todos no acampamento como herdeiro da riqueza de Abraão, e das bênçãos prometidas a seus descendentes. Agora foi subitamente posto de lado; e, em seu desapontamento, mãe e filho odiaram o filho de Sara. O regozijo geral aumentou a sua inveja, até que Ismael ousou zombar abertamente do herdeiro da promessa de Deus.

Estava aí plantada a semente do ódio que produziu tristes frutos que até os dias de hoje continuam sendo colhidos nos violentos conflitos entre árabes e israelenses. O surgimento e organização da grande nação árabe com ideologia de oposição a Israel é, sem dúvida, uma marca distintiva do povo ismaelita. Tão logo se fortaleceram e se organizaram se opuseram de forma provocativa ao povo de Israel, estando a Bíblia repleta de exemplos dessas iniciativas, acerca das quais já se tem inclusive evidências arqueológicas:

> Nem todos os encontros entre Israel e Midiã foram cordiais. Quando os Israelitas tentaram cruzar o deserto através da Transjordânia durante sua jornada em direção à terra prometida, os líderes de Moabe e Midiã enviaram uma delegação conjunta ao profeta Balaão, pedindo a ele que amaldiçoasse o grupo viajante

> (Nm 22:1-7). Logo depois homens Moabitas e Midianitas instigaram homens Israelitas a adorarem Baal Peor e a praticarem imoralidade sexual (Nm 25:1-6). Como punição por sua infidelidade, o Senhor ordenou Moisés a declarar guerra contra os Midianitas (Nm 25:16-18; 31:1-18). Todos os cincos nomes de reis midianitas em Números 31:8 (ver Js 13:21) aparecem como genuínos, primitivos nomes árabes da literatura extrabíblica da época. [...] Durante o período dos juízes os Midianitas e os Amalequitas oprimiram os Israelitas com ataques surpresa em seus territórios durante suas colheitas (Jz 6:3-6) (KAISER JR., 2005, p. 92).

Tendo crescido e se fortalecido ao longo da história, os ismaelitas se solidificaram no oriente primeiramente no âmbito político cultural (nação árabe), e secundariamente no âmbito político religioso (nação islâmica). Em ambas as linhas de desdobramentos sociais reafirmou a sua antiga e decidida ideologia combativa, numa disposição renovada para conflitos anti-israelitas, que podem ser vistos até os dias atuais. Ellen G. White comenta que esse espírito de violência foi característica dos ismaelitas ao longo de toda a sua trajetória:

> Os primeiros ensinos de Abraão não foram destituídos de efeito sobre Ismael, mas a influência de suas mulheres teve como resultado estabelecer a idolatria em sua família. Separado do pai, e amargurado pela contenda e discórdia de um lar destituído do amor e temor a Deus, Ismael foi compelido a escolher a vida selvagem e pilhante de chefe do deserto, sendo sua mão contra todos e a mão de todos contra ele (Gn 16:12). Em seus últimos dias arrependeu-se de seus maus caminhos, e voltou ao Deus de seu pai; mas permaneceu o cunho de caráter dado à sua posteridade. A poderosa nação que dele descendera foi um povo turbulento, gentio, que sempre foi um incômodo e aflição aos descendentes de Isaque (WHITE, 2003, p. 174).

Observe que a autora fala de nação e seu correspondente povo, ambos no singular, uma evidência do fator agregador que caracterizou a liderança de Ismael e seus descendentes na extensão do deserto. E aponta a idolatria e a violência que caracterizou sua existência na posteridade. Seria apenas coincidência com os conflitos árabe-israelenses? Certamente que não.

Todo o contexto aponta para uma alusão indireta da autora ao islamismo antissionista levado a efeito pelos árabes, a grande nação ideológica cuja política de embate foi originada no ódio de Ismael e seus descendentes.

No entanto, é preciso reconhecer que o desprezo que perdura por tanto tempo, alimentando uma guerra tão longa, violenta e intensa, não se perpetuaria no tempo sem que o ódio de uma das partes tivesse se tornado também o sentimento cultivado e correspondido pela outra. É certo que tudo começou no ódio dos ismaelitas, mas também é certo que tudo continuou porque os israelitas assimilaram tal ódio e mesmo declarando-se tementes a YHWH não ficaram atrás na violência, mágoa e destruição em relação a seus meio irmãos. Talvez não se tenha na história humana um conflito de origem familiar tão intenso e extenso quanto esse. Um conflito em que os protagonistas são os filhos de um mesmo homem, temente e fiel a Deus, que escolheram dar as costas aos ensinos ético-morais e espirituais do pai, ao decidirem patrocinar uma vida de ódio cujos resultados insistem em chamar de preço da "guerra santa".

Em resumo, de todos os textos mencionados se infere que o povo ismaelita se tornou muito numeroso, passando a ocupar uma extensa faixa territorial na geografia do oriente. Expandiram muito sua ocupação, afirmando seu domínio não apenas na região desértica de Arã, onde Ismael se estabeleceu inicialmente, mas passando a ocupar uma área consideravelmente maior que abarca o leste e norte do deserto da Arábia, cujos termos faziam fronteira com os limites da região ocupada pelos descendentes de Isaque.[7]

Os ismaelitas e a nação islâmica

Conforme já mostrado, o surgimento da nação árabe foi primariamente resultante da afirmação de uma ideologia política contrária a Israel, encabeçada por Ismael e suas doze tribos. Não obstante, com o passar do tempo, os ânimos se acirraram, e a nação árabe passou a afirmar a ideologia anti-Israel também no âmbito religioso. Essa iniciativa que começou com a assimilação de práticas religiosas egípcias, mais tarde se intensificou com o sincretismo religioso produzido pelo convívio com outros povos e nações com as quais tiveram contato, ganhando força final com o surgimento do Islã no século 7 d.C.[8] Nesse

[7] *O Comentário bíblico adventista* (1993, v. 8, p. 590) explica que essas regiões são identificadas com o deserto norte da Arábia e o leste da Síria.

[8] Na introdução do Alcorão (2011, p. 12) é informado que o Islã surge a partir do profetismo de Muhamed (Maomé) e ganha força a partir de sua morte ocorrida em 632 na cidade de

sentido, registros históricos dão conta de que o próprio Maomé, fundador do Islã, se autoafirmava descendente de Abraão, através da linhagem de Ismael:

> Maomé dizia-se descendente de Ismael. Visto que historicamente falando, os árabes tem sido cuidadosos sobre suas genealogias, a exemplo dos judeus, é possível que a reivindicação dele fosse autêntica. Dando margem à miscigenação entre várias tribos, especialmente com os joctanitas e os queturaítas, quase chega a ser correto chamarmos os árabes de ismaelitas (CHAMPLLN, 2000, v. 3, p. 388).

No próprio Alcorão, no texto da sura de nº 14 intitulada "Abraão", no verso 39 o autor da mesma faz questão de destacar a relação de Ismael com Abraão ao lado de Isaque, numa tentativa de colocar a ambos em pé de igualdade em relação à linhagem patriarcal. E o faz registrando o que teria sido a expressão de gratidão do patriarca, ao assim se manifestar: "louvado seja Deus que me deu, na minha velhice, Ismael e Isaac. Meu Deus atende às súplicas" (ALCORÃO, 2011, p. 206). Aliás, as muitas reproduções que o Alcorão faz de trechos e elementos bíblicos são muito evidentes e não se limitam a informes acerca dos descendentes de Abraão.[9] Uma leitura atenta das principais suras do livro sagrado da nação islâmica é suficiente para se observar que as intensas aproximações textuais em relação à Bíblia é uma forte evidência do objetivo da grande nação ismaelita de fundar e manter sua própria religiosidade, também de raiz abraâmica, mas com contornos peculiarmente distintivos. Uma tentativa de reprodução das bases da crença monoteísta do patriarca comum, mas elaborada com as características socioculturais de uma nação que se expandiu à margem de seus irmãos israelitas, e cuja mágoa fica expressa na intenção de rejeição quanto aos mesmos e sua religiosidade.

De qualquer forma, seja pelo viés político ou pelo viés religioso, essas aproximações apenas evidenciam que "os ismaelitas, ramo árabe, são numerosíssimos, ocupam uma área muito maior do que a Palestina em si. Do Paquistão à Arábia, encontram-se eles de permeio com muitos outros povos" (MESQUITA, 2002, p. 95). Para muitos críticos são apenas mais um povo árabe, mas, para os mais atentos, são também a própria alma de uma grande nação política e religiosa milenar que se fundamenta no antigo cisma em relação a Israel. No entanto, para os estudiosos das Escrituras, tal oposição é mais uma prova legítima da

Medina onde vivia refugiado.

[9] Um estudo mais detalhado das aproximações entre o Alcorão e a Bíblia pode ser lido em Filoramo (2005).

presciência e soberania de Deus, que longe de aprovar qualquer tipo de violência, predisse em Gênesis 25:22-23 que a rebeldia de Esaú o levaria a tomar parte na guerra entre duas nações, conflito esse que já havia sido iniciado pelos ismaelitas. Em outras palavras, Deus anteviu os rumos que Esaú tomaria como participante desse embate, tanto por sua natureza, quanto por ser influenciado pela neta de Ismael, com quem se casou alguns anos mais tarde, conforme relato de Gênesis 28:9. Mas para além de sua presciência Deus mostra sua misericórdia. O cuidado prometido por Deus a Abraão, quanto a Ismael e seus descendentes, tem sido cumprido fielmente apesar da rebeldia e desprezo de seus povos e nações à YHWH. Nesse sentido já fora observado:

> Sua mão será contra todos. Uma exata descrição dos árabes, muitos dos quais pretendem ter a Ismael como seu pai. Poderosas nações têm tentado conquistar a Arábia e submetê-la a sua vontade, porém nenhuma tem tido êxito permanente. Os árabes têm mantido sua independência e Deus os tem preservado como um monumento perdurável de seu cuidado providencial. Permanecem hoje em dia como um argumento incontestável da verdade da predição Divina (NICHOL, 1995, v. 4, p. 331).

Mesmo à vista da misericórdia e cuidado de Deus para com os ismaelitas ao longo da história, esta nação tem sido rebelde a YHWH ao longo de sua existência. Primeiro sua rebeldia assumiu conotação religiosa politeísta e após a fundação do Islã, assumiu contornos de uma religiosidade de matriz monoteísta e mais coesa nos aspectos político, militar e social, porém mais combativa e mais intolerante. Sua rebeldia foi caracterizada não somente pelo embate contra o Israel étnico, mas também pelo embate contra o Israel espiritual. Por longos anos também atacou ferozmente os cristãos do oriente, de maneira tão cruel que a predição profética no contexto da quinta e sexta trombetas de Apocalipse 9 os anunciou como gafanhotos devido ao seu poder destrutivo, e de escorpiões devido ao seu poder de causar dor.[10]

Apesar de sua rebeldia, tanto os ismaelitas quanto os israelitas, continuam sendo individualmente objeto do amor misericordioso de Deus. E por mais que tenham de encarar individualmente o juízo de YHWH, têm a oportunidade de arrependimento e conversão até o encerramento do tempo

[10] Para maiores detalhes sobre a grande religião ismaelita (islamismo) na profecia bíblica e sua atuação de ataque aos cristãos ver Maxwell (2008, p. 246-267).

de graça. Infelizmente, porém, ambos desprezam individualmente essa graça por não enxergarem que a proteção ou a eleição de uma nação, por parte de Deus, tem sempre o objetivo apenas funcional e não salvífico essencial. Essencialmente falando, Deus quis e ainda quer salvar a todos de forma individual, embora haja designado durante muito tempo uma função especial para Israel no plano redentivo.

Embora as promessas e os cuidados de Deus para ambos os herdeiros de Abraão fossem as mesmas, a função de Israel seria especial quanto a seu papel de testemunhar para todas as nações, inclusive árabes, guiando-os à genuína adoração devida a YHWH. Funcionalmente falando, caberia aos descendentes de Isaque testemunhar para os descendentes de Ismael e os demais habitantes do mundo acerca da aliança eterna feita por Deus a Abraão. Em sua presciência, Deus sabia que esses povos precisariam de um testemunho vivo de seu poder, sua glória e sua fidelidade, a fim de que conhecessem o genuíno caminho da salvação. No entanto, Israel falhou ao considerar essa distinção funcional como um fim em si mesmo, arrogando-se um tipo de superioridade essencial em relação às demais nações. Confiaram de tal forma em si próprios e sua linhagem hereditária que passaram a considerar sua eleição funcional como uma espécie de garantia inerente de salvação, a qual os levou a uma forma de exclusivismo que os destruiu como nação, a partir de dentro.

Ao não aceitar que foi o orgulho nacionalista a clara razão de sua queda, Israel fez inúmeras tentativas de se reerguer como nação. Nas tentativas mais recentes se observam algumas implicações teológicas cujo estudo é pertinente para se entender a relação da nação ismaelita moderna e a teologia cristã, no contexto do Israel escatológico[11] e seus desdobramentos em relação aos Ismaelitas modernos.

Algumas implicações teológicas

À medida que os judeus (o antigo Israel) tentaram se reerguer como nação política após as inúmeras dispersões históricas a que estiveram sujeitos por motivos políticos, religiosos e sociais, encontraram no âmbito religioso um viés de aproximação com as nações cristãs de notório poderio militar internacional, a exemplo da Inglaterra e Estados Unidos. Essa aproximação foi

[11] Para um estudo aprofundado da perspectiva adventista acerca do Israel escatológico ver Larondelle (2004, p. 231-238).

possível, de certa forma, em razão das novas tendências teológicas surgidas nos Estados Unidos a partir do final do século 19 e que ganharam o mundo.

Uma parte considerável de teólogos norte-americanos passou a interpretar a restauração de Israel nas profecias veterotestamentárias como referência a uma restauração étnica do antigo Israel nacional com o apoio do novo Israel[12], vislumbrando assim a formação de um grande Israel caracterizado pelo poder de natureza civil e religiosa. À medida que essa perspectiva ganhou força no meio político estadunidense, os judeus étnicos passaram a contar com a simpatia religiosa dos americanos, passando a fazer parte também de sua política de apoio militar e social. No meio cristão, esse argumento trouxe sérias implicações para a escatologia cristã, que em reação a essa e outras perspectivas foi se desdobrando até chegar atualmente a cinco matrizes interpretativas distintas, a saber:

1ª — *Corrente Preterista de Interpretação, ou também conhecida como escola moderna de interpretação ou, ainda, escola da alta crítica*: os teóricos dessa linha negam a possibilidade da existência do elemento sobrenatural nas Escrituras. Assim, rejeitam em absoluto a possibilidade de que as profecias veterotestamentárias relativas a Israel pudessem ter aplicação para o futuro. Dessa forma, as passagens bíblicas que tratam de Israel apenas refletiriam a expectativa intensa do profeta e do povo de seu tempo quanto ao futuro. Nesses termos, expectativa não seria o mesmo que predição.

2ª — *Corrente Futurista de Interpretação, que pode também ser chamada de futurismo sionista judaico*: os teóricos dessa linha admitem a existência do elemento sobrenatural nas páginas da Bíblia em forma de predições. No entanto, defendem que as profecias veterotestamentárias, que mencionam Israel, terão aplicação em algum momento futuro, quando os judeus étnicos tiverem sua nação política e religiosa restaurada. Dessa forma, as passagens bíblicas que tratam de Israel apenas refletiriam as predições do futuro glorioso dos judeus étnicos e daqueles que se juntarem a seu sistema religioso que será completamente restaurado. Essa corrente se fortaleceu de forma considerável após a restauração do Estado de Israel, em 1948. Argumentam que falta agora apenas a purificação e restauração religiosa

[12] Segundo afirma Dorneles (2007, p. 67), a expressão "novo Israel" indica a ideologia do messianismo estadunidense, ou seja, diz respeito à "essa noção de que os americanos são superiores, guardiões da liberdade, comissionados a policiar e transformar o mundo."

de seu território, contexto em que os judeus aceitarão a Cristo como o Messias, formando com os cristãos o grande Israel.

3ª — *Corrente Anglo-Israelita de Interpretação, que pode também ser chamada de futurismo sionista anglo-saxão*: os teóricos dessa linha também admitem a existência do elemento sobrenatural nas páginas das Escrituras em forma de predições. No entanto, defendem que as profecias veterotestamentárias que mencionam Israel terão aplicação ampla em algum momento futuro quando as doze tribos do Israel étnico serão restauradas numa única nação política e religiosa onde hoje é o Estado de Israel. Afirmam ser possível tal façanha alegando que os povos anglo-saxões representam o remanescente das doze tribos que segundo a Bíblia desapareceram com o cativeiro Assírio a partir da queda final do reino do norte, com a tomada de Samaria em 722 a.C. Dessa forma, as passagens bíblicas que tratam de Israel apenas diriam respeito às predições do futuro glorioso desse novo Israel nacional que será formado pelos remanescentes étnicos modernos das doze tribos. Essa corrente fomenta fortemente o apoio da Inglaterra e da Alemanha ao Estado de Israel, como forma de preparação para a restauração mencionada.

4ª — *Corrente Espiritualista de Interpretação, que pode também ser chamada de futurismo espiritualista*: os teóricos dessa linha afirmam a existência do elemento sobrenatural nas páginas das Escrituras em forma de predições, porém o intensificam de forma exacerbada. Chegam ao extremo de espiritualizar as profecias veterotestamentárias que mencionam Israel, apontando que elas terão seu cumprimento exclusivamente na Igreja dos dias atuais. Esvaziam o texto da possibilidade de sua aplicação primária ao tempo do profeta. Dessa forma, as passagens bíblicas que tratam de Israel apenas refletiriam as predições do futuro glorioso da Igreja Cristã, com destaque para o papel de liderança do novo Israel, que entende ser o povo estadunidense.

5ª — *Corrente Integralista de Interpretação, que pode também ser chamada de profetismo integral ou ainda de dupla aplicação profética*: os teóricos dessa linha defendem a existência do elemento sobrenatural nas páginas das Escrituras em forma de predições, embora sejam cuidadosos com o sentido literal elementar do texto. Assim, procuram no texto seu sentido primário, literal e a eventual existência de elemento condicionante da profecia e, secundariamente, verifica a plausibilidade de sua aplicação futura, o que será apontando pelo contexto imediato, geral e amplo das Escrituras.

Consideram o texto em seu viés aplicativo primário e secundário, nessa exata ordem. Dessa forma, as passagens bíblicas que tratam de Israel são entendidas como aludindo primariamente ao Israel literal, étnico, do tempo do profeta. Porém, verifica que essas profecias eram condicionais à resposta de obediência desse povo ao pacto que lhes fora proposto por Deus. Diante de seu fracasso no cumprimento de sua parte da aliança, Deus cumprirá seus desígnios por meio da Igreja Cristã à qual agora se aplica em parte as predições feitas para Israel, notadamente a de um futuro glorioso.

Essas definições não esgotam o extenso rol de desdobramentos interpretativos possíveis que derivam das combinações dessas correntes e seus elementos.[13] Porém, são suficientes para dar uma ideia da complexidade do tema no meio religioso protestante dos dias atuais. E das cinco perspectivas, apenas a última se relaciona com os princípios hermenêuticos de matriz bíblico-histórica, sendo por isso aceita pelos adventistas do sétimo dia. Quanto às quatro primeiras correntes, este artigo argumenta de forma contrária quanto a algumas questões de perspectivas acerca de Israel na profecia:

> Os intérpretes modernistas baseiam sua posição na suposição *a priori* de que não é possível conhecer o futuro e desconsideram assim toda a evidência que demonstra o contrário. Os futuristas passam por alto o elemento condicional sobre o qual adverte a profecia, elemento que foi clara e enfaticamente proclamado pelos próprios profetas, como as declarações do NT que afirmam que os privilégios e as responsabilidades do antigo Israel foram transferidos para a Igreja por meio de Cristo. A exposição bíblica feita por quem apoia a teoria anglo-israelita consiste em uma mescla de textos bíblicos, com lendas, narrativas folclóricas e especulações. A quarta escola de interpretação pode, às vezes, aplicar corretamente à igreja de hoje e do futuro algumas passagens proféticas do AT, porém não leva em conta a aplicação primária dessas mensagens à situação histórica existente então, e de modo muito arbitrário determina que certas passagens escolhidas foram escritas mas ou menos exclusivamente para a Igreja de hoje. De um modo ou de ou-

[13] Maiores detalhes acerca das implicações cristológicas, soteriológicas, e escatológicas dessas correntes e seus inúmeros desdobramentos podem ser estudados em Pate *et al*. (2003) e Blaising *et al*. (2005).

> tro, cada urna dessas tentativas de interpretar a mensagem dos profetas do AT suprime alguns importantes ensinamentos bíblicos, passando por alto princípios fundamentais de exegese e proporcionando um quadro distorcido das porções proféticas (NICHOL, 1995, v. 4, p. 27-28).

É importante observar as implicações dessas quatro primeiras correntes no tocante ao tema da restauração do Israel nacional. A primeira, embora negue o cumprimento futuro da profecia quanto a Israel em relação ao tempo em que foi dada, destaca o papel importante do profetismo para a política e a religião mundial de cada época. Afirma, assim, que a expectativa gerada pela interpretação profética, ainda que destituída de sobrenaturalidade, pode contribuir de forma positiva para a realização da escatologia. Dessa forma, essa corrente apoia potencialmente a ideia sionista ao ver nela um meio mais rápido para o cumprimento do papel da igreja cristã no mundo, no contexto da escatologia. Já as três correntes de matriz futurista (sionista, anglo-saxã, e espiritualista), desdobramentos da grande corrente chamada de dispensacionalismo, militam de forma ativa em prol da restauração étnica do Israel nacional. Patrocinam inclusive de forma filosófica e teológica a restauração do *status* político e religioso do Israel nacional no território da Palestina, por verem nessa medida o caminho do cumprimento escatológico das profecias veterotestamentárias acerca do Israel espiritual, que a seu ver incluiria o antigo Israel (judeus) e o novo Israel (americanos), num grande Israel espiritual. Conforme já dito,

> para estes dispensacionalistas, crendo que Israel como nação aceitará a Cristo como Messias, e possuirá a terra da Palestina, têm oferecido considerável apoio moral, financeiro e espiritual a esse país. Em resposta, segundo eles, importantes líderes israelenses têm abraçado o apoio de evangélicos dispensacionalistas (RODOR, 2007, p. 53-54).

Para esses teóricos, o Israel espiritual tem como pressuposto o Israel nacional; e sua restauração tem caráter político e religioso, sendo o supremo alvo que ao final culminará na união de forças do novo e o antigo Israel, quando este último aceitar a Cristo como o Messias, formando um único povo que receberá a benção final de restauração prometida ao Israel étnico veterotestamentário.

Por mais atraente que possa parecer, essa ideia parece contrariar o texto bíblico no contexto de sua unidade vetero e neotestamentária. Primeiro porque no Antigo Testamento o papel do Israel étnico na escatologia já era claramente expresso como sendo condicional à sua fidelidade á aliança, e segundo porque no Novo Testamento seu fracasso quanto à mesma foi apontado como motivo para que fosse substituído em seu papel escatológico pela Igreja Cristã. Paroschi (2007, p. 48) esclarece nesse sentido que,

> A última esperança de Israel como nação deixou de existir com Estevão. As pedras que os dirigentes judeus lhe atiraram selaram para sempre seu destino. [...] Para Israel o tempo havia terminado; contudo ainda há esperança para Israel em uma base individual.

Por não entender essa realidade, os defensores da moderna ideologia sionista, que busca a construção do grande Israel espiritual por meio da restauração do antigo Israel étnico, têm levado muitos por um perigoso caminho que tem o ódio aos opositores como marca fundamental de suas pretensões. Tendo em mente a necessidade da restauração plena do antigo Israel étnico como ponto central da escatologia iniciada, afirmam que deve haver a restauração de seu sistema político e religioso a qualquer custo, o que leva as alas mais radicais dessas correntes a compartilharem com os judeus ultraortodoxos a perspectiva de que a nação precisa ser purificada política e religiosamente para que seu sistema volte a ser o que um dia já foi: absoluto e exclusivo. Essa seria a única forma da escatologia veterotestamentária se realizar e ver cumpridos os planos de Deus para redenção da humanidade por meio desse grande Israel espiritual.

A consequência lógica desse raciocínio é que se deve eliminar todo e qualquer obstáculo que surgir de forma ameaçadora a tal objetivo. Sendo os ismaelitas o mais ameaçador deles, na sua forma étnica (árabes) e na sua forma religiosa (islâmicos). Essa é a ideia que tem incentivado ao longo do século 20 e primeiras décadas do século 21 o forte apoio político, militar e econômico prestado não somente, mas, principalmente, pelos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha ao Estado de Israel. Em solo estadunidense essa pretensão faz parte dos programas de governo não formais, levados a efeito com maior intensidade por parte dos governos de matriz republicana, normalmente apoiados por denominações cristãs — principalmente de matriz calvinista — adeptas às correntes escatológicas sionistas de cunho determinista já comentadas.

Os ismaelitas passaram a ser considerados, política e/ou religiosamente, o anticristo. E, assim, seria válido qualquer meio de eliminá-los do caminho do povo étnico da promessa por meio do qual o grande Israel espiritual cumpriria a escatologia dispensacionalista anunciada. Dorneles (2007, p. 78) fala desse messianismo destrutivo ao observar que,

> durante o século 20, os americanos desenvolveram sua estratégia de poder global a partir da nomeação de um inimigo comum da comunidade, que eles passaram a combater. Na segunda guerra mundial, os americanos combateram e derrotaram o nazismo e o fascismo, demonizados como inimigos comuns da comunidade. Na Guerra Fria, os americanos assumiram o desafio de combater outro inimigo comum, o comunismo, também retratado em seus textos culturais, especialmente cinematográficos, como inimigo da raça humana, repressor da liberdade. Após a queda do muro de Berlim (1989), a America entrou num vazio de poder, não havia mais inimigos. Então, nos atentados de 11 de setembro de 2001, eis que um novo inimigo se apresenta: o fundamentalismo islâmico. Em todas essas batalhas, os americanos lançam mão de seus mitos e proclamam seu messianismo.

É nessa forma de um messianismo, ao mesmo tempo sionista e combativo, de um grande Israel em busca de restauração política e religiosa, que o tema tem-se desdobrado no último século. Infelizmente, é uma tentativa ideológica de reinvenção da religiosidade messiânica sionista, que tem sido usada como combustível para alimentar o conflito árabe-israelense ao longo da história, com maior ênfase no período das Cruzadas e, recentemente, a partir da restauração do Estado de Israel ocorrida em 1948, no período pós-guerra. Podemos argumentar que Deus controla a história para cumprir seus propósitos, mas não nos parece justo dizer que seria Ele quem a escreve com sangue, como pretendem fazer crer os extremistas religiosos de ambos os lados, que propagam suas ideias de guerra em nome de Deus, fazendo ecoar suas ideologias por todos os lugares ao redor do mundo nos dias atuais.

Uma interpretação religiosa distorcida e desarrazoada dos livros sagrados, seja a Bíblia ou o Alcorão, tem cada vez mais intensificado a situação de oposição entre árabes e israelenses. O resultado se vê na forma de judeus fundamentalistas apoiados pelo protestantismo sionista estadunidense de um lado, e de outro os árabes ultraortodoxos apoiados por

milícias radicais islâmicas. Numa estranha repaginação dos cruéis momentos de intensificação do conflito havido nos séculos 11 e 12, enquanto fazem ecoar os gritos daqueles tempos, sendo ouvido uma parte clamar por uma "cruzada contra o anticristo" [14] e a outra responder decretando a "*Jihad*" (expressão árabe usada para evocar uma guerra santa), convocando, assim, o máximo de pessoas ao embate.[15]

Muitas foram as tentativas de apontar um caminho para a paz entre ambas as nações. Mas a única que parecia ter possibilidade de tonar-se realidade também caiu repentinamente como um castelo de areia destruído por uma onda. Yitzhak Rabin (1922-1995), primeiro-ministro israelense que dividiu o prêmio Nobel da Paz de 1994 com o então ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, Shimon Peres (o qual mais tarde ocuparia o mesmo posto de Rabin), e com o líder da então Organização para Libertação da Palestina, Yasser Arafat, foi o autor da mais importante tentativa de por fim ao conflito. Contudo, sua tentativa ruiu com o apagar abrupto e violento de sua própria vida. Seu assassinato ainda é conhecido e comentado nas mídias sociais como tendo ocorrido no momento em que a realização de um acordo de paz que poderia por fim ao conflito entre judeus e palestinos no mundo árabe era dada como certa. No momento mais decisivo para tal acordo, o ministro Rabin foi assassinado repentinamente no dia 4 de novembro de 1995, enquanto argumentava em favor do acordo num pronunciamento de paz realizado na Praça dos Reis (atualmente chamada de Praça Yitzhak Rabin), na cidade de Tel Aviv. Foi alvejado nas costas com três tiros por um estudante judeu de linha ultraortodoxa identificado como Yigal Amir, que mais tarde seria revelado como membro de um dos muitos grupos de extrema-direita existentes à época, cuja política ativista se opunha ferozmente contra qualquer concessão ou acordo de paz com os palestinos. Como reconhecido pelas mídias da época e noticiado pela mídia até os dias de hoje, seu assassinato "chocou Israel e paralisou uma possível solução para o conflito" (ISRAEL, 2007).

A tentativa de paz que mais chegou perto de se concretizar entre os descendentes de Ismael e os descendentes de Isaque permaneceria apenas em um ideal de pacificação cuja concretização se tornaria cada vez mais improvável como se mostra até os dias atuais. Assim como nos tempos do início desse conflito, ainda hoje tudo se faz em nome de um deus, como se

[14] Acerca de quão cruel foram as cruzadas ler a obra de Jacopo Fo (2007).

[15] Acerca da postura extremista do islamismo em resposta ao cristianismo ver Armstrong (2001).

fosse possível justificar a violência (em árabe *hamas*) e o disparate humano à luz de qualquer dos comandos éticos existentes em ambos os livros tidos pelas partes como sagrados (a Bíblia e o Alcorão).

Mesmo ainda ideológico e cada vez mais religioso em sua essência, o conflito nada tem da genuína espiritualidade. Mesmo ainda realizado em nome de uma divindade, nada tem da essência do Deus criador, chamado de YHWH pelos Israelitas e de Alá pelos islâmicos. Esse único Deus, que é crido e reverenciado por cada segmento religioso, e identificado em seus respectivos livros sagrados como o único criador, mantenedor e juiz de todas as coisas, permanece incompreendido por aqueles que se engalfinham de forma violenta, pretendendo fazê-lo em seu nome.[16]

Considerações finais

O presente artigo levantou informações que possibilitam discorrer acerca da relação direta existente entre os povos que habitam o Oriente Médio em tempos atuais e os povos ismaelitas mencionados na Bíblia. Partindo do estudo da etimologia do termo, apontou que "ismaelita" tem significado duplo desde os tempos bíblicos. É o termo que designa, em sentido estrito, a descendência biológica de Ismael, o primeiro filho do patriarca Abraão; e em sentido amplo faz referência histórica a todos os povos que no oriente se colocaram sob a liderança ideológica (política, religiosa, militar, e social) dos ismaelitas. Em seguida foi mostrado como ocorreu a descendência genealógica de tais povos, tendo tido sua origem em Ismael e seus doze filhos, aos quais mais tarde se juntaram os filhos de Quetura e também outros povos descendentes de Cam e Jafé que antes já habitavam e/ou transitavam no deserto da Arábia. Dessa forma, foi mostrado que os ismaelitas exerceram papel agregador de forças, alcançando influência e domínio junto aos povos do oriente, chegando se tornar a grande nação étnica árabe, e mais tarde, a grande nação religiosa islâmica. Foi apontado que desde sua despedida por Abraão, Ismael alimentou o ciúme e o ódio em relação à Isaque e sua descendência, sentimento que foi compartilhado por sua posteridade, incluindo todos os que se colocaram de alguma forma

[16] Filoramo (2005, p. 136) pontua que para o muçulmano "a ação de Deus é, antes de tudo, uma ação criadora. [...] Também é destacada com vigor sua ação providencial, para assegurar o bem estar de suas criaturas, na determinação do destino do homem, no trabalho de providenciar à sua vida e, enfim, no exercício misericordioso da função de juiz."

sob sua liderança. Foi assim que os ismaelitas construíram todo um triste legado histórico de oposição e conflitos contra os israelitas. Em razão da idolatria de Ismael, decorrente de sua assimilação da religião pagã egípcia, seus descendentes se tornaram violentos e também idólatras, assimilando também o paganismo de outros povos com os quais conviveu.

Contudo, a descendência ismaelita, conforme prometido por Deus nas Escrituras, tornou-se numerosa e remanesce até os dias de hoje em meio aos povos árabes, no oriente médio. Porém, é notório que sua identidade foi, desde sua origem, fortemente marcada por uma ideologia anti-Israel, a qual, com o passar do tempo, alcançou os âmbitos religioso, político, militar e econômico, tornando-se o principal fator motivador dos conflitos ainda observados no oriente médio, e que se projetam para todo o mundo atual.

Ao final, chamou-se a atenção para importantes implicações teológicas advindas da relação entre os israelitas e os cristãos no contexto do Israel escatológico e seus desdobramentos em relação aos ismaelitas. Foi mostrado que a principal relação apontada pela Bíblia entre os ismaelitas e a escatologia cristã é da mesma natureza da relação apontada quanto a qualquer outro povo, ou seja, os árabes e islâmicos precisam conhecer e aceitar a provisão de YHWH por meio de Jesus Cristo para perdão de seus pecados e salvação para eternidade. No entanto, foi observado como as correntes futuristas de matriz dispensacionalista interpretam equivocadamente o Israel escatológico como sendo a etnia judaica que restaurará a verdadeira adoração a YHWH, com aceitação do Messias Jesus e a agregação dos cristãos. A implicação mais séria desse pensamento é que ele tem levado muitos professos cristãos e seus governos a apoiarem as iniciativas israelitas de eliminar aqueles que são considerados obstáculos à restauração do sistema político e religioso do Israel nacional. Diante de tal realidade, todos os envolvidos deveriam se lembrar que o genuíno ismaelita pode e deve ter algo em comum com o genuíno israelita: o amor e o temor a YHWH.

Referências

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 200l.

BLAISING, C. A. *et al*. **O milênio**: 3 pontos de vista. São Paulo: Editora Vida, 2005.

BROWN, R. E. *et al*. (Eds.) **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Editoras Academia Cristã/Paulus, 2007.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Editora Vida, 2008.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2000. v. 8.

DORNELES, V. O Novo Israel: a construção da ideologia do messianismo americano. **Revista Parousia**, Engenheiro Coelho, v. 6, n. 1, p. 67, Jan/Jun. 2007.

FILORAMO, G. **Monoteísmos e dualismos**: as religiões de salvação. São Paulo: Hedra, 2005.

FO, J. **O livro negro do cristianismo**: dois mil anos de crimes em nome de Deus. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GILMER, T. L. **Concordância bíblica exaustiva**. São Paulo: Editora Hagnos, 2006.

ISRAEL lembra 12 anos do assassinato de Yitzhak Rabin. UOL Notícias Internacionais, São Paulo, 24 de outubro de 2007. Disponível em <http://bit.ly/L93KEV>. Acesso em: 05 de junho de 2012.

JOSEFO, F. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

KAISER JR., W. et al. **Archaeological study Bible**: an illustred walk through biblical history and culture. Grand Rapids: Zondervan Corporation, 2005.

KIDNER, D. **Gênesis**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2006. (Série Cultura Bíblica).

LARONDELLE, H. K. Israel na Profecia. In: TIMM, A. R. *et al* (Eds). **O Futuro**: a visão Adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2004.

MAXWELL, C. M. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

MESQUITA, A. N. **Povos e nações do mundo antigo**: uma história do Velho Testamento. São Paulo: Hagnos, 2002.

NICHOL, F. D. (Ed.). **The Seventh-day adventist bible commentary**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1978. v. 1.

_____. **The Seventh-day adventist bible commentary**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1995. v. 4.

_____. **The Seventh-day adventist bible commentary**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association,1993. v. 8.

O ALCORÃO/Maomé. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

PAROSCHI, W. Estevão, Israel e a Igreja. **Revista Parousia**, Engenheiro Coelho, v. 6, n. 1, p. 39, Jan/Jun. 2007.

PATE, C. M. et al. **O Apocalipse**: quarto pontos de vista. São Paulo: Editora Vida, 2003.

RODOR, A. A. **Israel e o Novo Israel**. Revista Parousia, Engenheiro Coelho, v. 6, n. 1, p. 53, Jan/Jun. 2007.

VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

Enviado dia 15/08/2012
Aceito dia 20/10/2012